

# A R A B E C A

EDITOR E PROPRIETARIO — MANOEL VICENTE VENTURA

Redacção, Praça de D. Pedro, 18

Anno I	Assignaturas	FOLHA INDEPENDENTE	Publicações	N.º 26
	Cada serie de 10 n.ºs..... 100 rs. Fóra d'Evora..... 120 » Numero avulso 10 rs.		Annuncios..... 20 rs. Comunicados..... 50 » Os assignantes têm abatimento de 30 %	

## O discurso do grande poeta GUERRA JUNQUEIRO, pronunciado no ultimo comicio da capital

**N**ÃO me trazem aqui vae-  
das de artista ou ambi-  
ções occultas de politico.  
A arte deu-a aos meus livros, e  
ambições politicas,—ambições de  
mando,—sacudias de vez. Homem  
de governo não o hei de ser, não o  
quero ser. Depois do triumpho con-  
tinuarei combatendo. Combatendo  
por um ideal angelico e distante,  
que a humanidade, sobrehumanisa-  
da, realisarà talvez em milhões  
d'annos.

Tambem aqui me não chama a  
dissipação fraudulenta da fortuna  
publica. Quasi a desejo.

Pois a patria que levantou a Ba-  
talha, ergueu os Jeronymos e es-  
creveu os Lusíadas; a patria que  
foi um instante, mensageira do  
Eterno, portadora do Verbo, vehi-  
culo de Deus, como a Grecia de  
Platão ou como a França de 89, ha  
de morrer n'um cano de esgoto, de  
morte moral,—que é a unica mor-  
te definitiva,—balbuciando uma  
lista de cambios, em vez d'uma es-  
trophe de Camões?

Então o povo que deixa prosti-  
tuir a consciencia, roubar os direi-  
tos, vilipendiar a historia, o povo  
covarde que não defende a honra,  
quer defender a camisa?! Que lhe  
levem.

Que lhe levem, com o ultimo pão,  
os ultimos andrjos! Que ruja de  
frio, que estoire de fome! A fome  
é como o fogo: abraza e depura.  
Os que se aviltam gosando, só se  
regeneram soffrendo. Não venham  
libras, venham desastres. Sobre a  
nossa infamia chovam calamidades  
e tormentos.

Quando um rei glotão zomba cy-  
nicamente da pequria d'um povo,  
para que tal rei deixe de comer  
faisões, é mister que esse povo che-  
gue a comer cardos e bolota.

Isto é: quando os povos misera-  
veis se querem libertar, commun-  
gam a liberdade na hostia divina  
da revolução. Mas, antes de com-  
mungar, jejuam. Ora o jejum dos  
povos é a fome desgrenhada, a fo-  
me ensanguentada, a fome de allu-  
cinação e de exterminio.

Pois bem: Mortifica-nos, fome  
negral! Santifica-nos, fome redem-  
ptora!

E o quinhão de angustias impla-  
caveis, que a sorte me destine a

mim ou ao meu lar, en o abenço-  
desde já e o receberei humildemen-  
te, olhos no alto, sem um queixu-  
me e sem tristeza. Bemvindo é;  
tambem o mereço.

Não visiono a patria ideal n'uma  
Carthago sumptuosa, baluartes e  
docas, fabricas e casernas, torpe-  
dos e tuneis, alcouces e bancos,  
chaminés e prostibolos,—um mons-  
tro de gula, assente em lama, co-  
berto de ferro digerindo oiro.

O que são patrias? Agrupamen-  
tos humanos, que affinidade de san-  
gue, vaevens historicos e razões  
geographicas tornaram em corpos  
sociaes, em organismos conscientes  
e collectivos. O fim da patria é  
identico, pois, ao fim do homem:  
evolucionar para Deus. Chegar á  
verdade pela sciencia, chegar á  
bondade pelo sacrificio. Realisar  
Deus até confundir-se com elle, eis  
o destino do homem, eis o destino  
ultimo d'um povo.

A arvore, crescendo, gera a flor.  
O corpo, a ideia. O sangue alimen-  
ta o espirito. O homem virtuoso  
não janta para comer; janta para  
pensar. A iguaria do estomago de-  
semboca no coração, e é amor, en-  
tra no craneo, e é intelligencia.  
O manjar perfeito symbolisa-o a  
hostia.

A nação equivale ao homem. Tem  
o seu corpo: agricultura, commer-  
cio, industria. E a sua alma: he-  
roismo, belleza, verdade, bondade.  
Porém, o corpo é o meio; a alma  
o fim. Logo, o fim d'uma nação é  
derramar justiça, divulgar virtude,  
crear formosura, produzir sciencia.  
Abreviando: transitar para Deus.  
Não se peçam nações em balanças  
de pezar libras. Um grande coura-  
çado não vale a aza d'uma estrofe,  
quatrocentos canhões não valem  
uma descoberta, e todos os ban-  
queiros juntos não valem a lagrima  
d'um santo.

Quando em Portugal existe Nu-  
nalvares, Camões, Bartholomeu  
Dias, ou S. Francisco Xavier, Por-  
tugal é verdadeiramente um povo,  
verdadeiramente uma patria.

E hoje!

Tal nação, tal governo. Tal ar-  
vore, tal fructo. Quem nos gover-  
na, quem nos tem governado? La-  
drões!—Assim o clamam, insultan-  
do-se, os partidos monarchicos.

Nem só ladrões. Tambem idiotas  
vulgares, ambiciosos mediocres,  
loucos e pusillanimes, a farça além  
da infamia, a estupidez além do  
crime.

Quer dizer: O que ha de mais  
baixo no homem, a imbecillida-  
de, a vaidade, a inveja, a hypocrisia, a  
cubica,—gula de porco, veneno de  
reptil, cynismo de macaco, rancor  
de fera—eis o governo da nação,  
eis a gula do povo, eis a norma da  
patria.

Voltamos á besta, pela escolha e  
cultura dos atavismos inferiores.

E' a sociedade organizada para o  
mal. Os refractarios eliminam-se.  
Ou applaudir e ser cumplice, ou  
protestar e ser victima.

Quem sobre a terra portugueza  
defender a justiça, pugnar pelo di-  
reito ou batalhar pela verdade, gran-  
gea em premio a calumnia, o car-  
cere, o desterro, a miseria e a  
morte.

Mas uma ordem social, que ele-  
va criminosos e martyrisa justos,  
é a negação das leis humanas e di-  
vinas, e cumpre-nos arrasal-a d'al-  
to a baixo, a ferro e a fogo, até  
aos alicerces!

E se a esta patria, que eu odeio,  
já não restassem energias latentes  
para formar a patria d'amanhã; se  
esta nacionalidade, como o verme  
no esgoto, só na infamia podesse já  
durar, eu quizera—mil vezes antes!  
que o destino barbaro a varresse  
do mundo para sempre!

Blasfemias, dirão os falsos e os  
hypocritas.

Deixal-os dizer. Quando uma pa-  
tria se resume n'um bando de in-  
teresses guardados por policia, eu  
não lhe chamo patria, chamo-lhe  
cadaver, monturo, esterqueira, fo-  
co de infecção: E os monturos re-  
moyem-se e as gangrenas enter-  
ram-se. Enterra-se um povo, como  
se enterra um homem. Um homem  
morto empesta a casa, o bairro, a  
cidade. Um povo morto empesta o  
globo, a historia, a civilização. A  
morte que vá alimentar a vida. O  
esterco deita-se ás raizes.

Eu quero menos á minha patria  
do que a meu pae e a minha mãe.  
E, comtudo, eu não ficaria eterna-  
mente deante do cadaver de meu  
pae ou de minha mãe. Evolada a  
alma,—a essencia, resta materia,

monte de peçonha. Os olhos da  
carne chorariam em mim o eterno  
apartamento d'aquella carne sagra-  
da. Os olhos da carne; os do espi-  
rito, não. Esses permaneceriam  
claros e serenos, fitando, no invi-  
sivel, já libertas, as duas almas im-  
mortaes.

Mas a patria portugueza, seño-  
res, não morreu ainda definitiva-  
mente. N'um grão de areia ha sea-  
ras, n'uma brazza incendios. Pois  
doze apostolos ignorantes mudam  
a face da humanidade e vinte mil  
homens, querendo, não mudarão a  
face d'um paiz? Vinte mil! Basta-  
riam vinte. Vinte, sacrificando-se  
até á morte. Um crente é inexpu-  
gnavel: Podem agrilhoal-o, que fi-  
cou mais livre; podem rouba-l-o,  
que ficou mais farto; podem mata-l-o,  
que ficou ainda com mais vida.  
Christo, pregado n'uma cruz e rei  
do mundo, eis o symbolo do espi-  
rito humano triumphante. Só o ideal  
é real. Da existencia d'um homem  
ou d'um povo duram os momentos  
fulgidos em que tal homem ou tal  
povo encarnaram o genio, mani-  
festaram Deus.

Leiam a nossa historia, a crise  
tremenda do fim do seculo XVI.  
Hesitante ainda a consciencia da  
patria; o rei morto, a rainha odia-  
da, a fidalguia por Castella, a bur-  
guesia inerte e o povo tumultuan-  
do, mas indeciso e desconnexo. E  
um homem unico, heroe e santo,  
capitão e vidente, ajoelhou, resou,  
brandiu o gladio e salvou a patria.  
Como? Pela fé: attrahindo Deus.  
absorvendo Deus; irradiando Deus.  
Hauriu o Infinito e propagou-o em  
volta. Electrison de Eternidade um  
povo que ia succumbir e insuffou-  
lhe vida, sangue novo, sangue de  
aurora, para destinos immortaes.

A obra de Nun'Alvares foi de  
ideal extreme, ideal sem mancha.  
A empreza das descobertas, mara-  
vilhosa na aventura e sublime na  
fé, cae em ruinas exactamente do  
lado pratico, do lado util,—cupidez,  
ganancias, fome d'oiro, sede de  
conquistas.

(Continua).

Guerra Junqueiro.

## A ultima manilha de Edison

*Dar vista aos cegos! —  
As experiencias  
—O emprego dos raios X*

Thomaz Edison—o bruxo de Muulo Park, como lhe chamam,—acaba de annunciar, para assombro do mundo, o resultado das ultimas e notaveis experiencias effectuadas no seu laboratorio de West-Orange, estado de New Jersey.

Edison garantiu que no prazo de tres annos os cegos hão de ver e distinguir distinctamente como os outros mortaes. O unico requisito necessario para isso é que o nervo optico se conserve intacto.

N'essas circumstancias, Edison compromette-se a fazer com que os cegos distingam os objectos, notem a differença que ha entre a luz do sol ou a da lua e a obscuridade, e a que existe entre uma côr e outra, e reconheçam as pessoas.

As experiencias por meio dos raios Roentgen foram feitas em dois individuos que estavam cegos havia já muitos annos.

Um d'elles chamava-se Jacob Mahrbacher, de 35 annos. Perdeu a vista de um olho, em 1892, por causa d'um abcesso que se lhe formou em consequencia da ferida produzida por um estilhaço de ferro. O outro olho foi tambem affectado, de fórma que o infeliz perdeu totalmente a vista.

O outro cego, Otto Kallensee, achava-se n'esse estado desde 1885, tambem por causa d'um abcesso.

No dia marcado, Edison e os seus ajudantes estavam preparados para a visita dos dois cegos. O celebre electricista começou por declarar que não lhes promettia uma cura completa e immediata, mas que tinha a esperanza de, pelo menos, fazer com que elles distinguissem a luz das trevas.

Em seguida os dois homens foram conduzidos ao pequeno salão do segundo andar, destinado ás experiencias com os raios X.

Mahrbacher sentou-se n'uma cadeira, junto d'um dos tubos Roentgen.

Obedecendo ás ordens de Edison, estabeleceu-se a corrente que foi desenvolvida de maneira que os raios se produzissem com intervallos de poucos segundos. Cada vez que se effectuava a operação

o gabinete illuminava-se com a brillante phosphorescencia da luz Roentgen.

Edison perguntou então: —Ve alguma coisa?

—Nada, meu senhor—respondou o cego tristemente. Por enquanto tudo são trevas.

—Não se impaciente. Vamos a outra experiencia.

Um novo tubo, mais poderoso que o primeiro, foi applicado ao aparelho, desenvolvendo-se novamente a corrente electrica. Edison repetiu a pergunta, obtendo a seguinte resposta de Mahrbacher:

—Vejo milhões de pontinhos como elipsas brillantes diante dos meus olhos.

Foram em seguida empregados outros tubos, mas sem melhores resultados. Collocaram então Kallensee na cadeira e estabeleceu-se novamente a corrente com o primeiro tubo. O cego tambem não pôde ver coisa alguma. Applicou depois o segundo tubo e precisamente no momento em que a electricidade corria pelo aparelho, Kallensee, cheio de jubilo, exclamou n'um grito de alegria:

—Vejo! Vejo a luz!

O aparelho girou mais duas vezes, movido pela luz do sabio electricista, enquanto o cego continuava exclamando:

—Agora vejo a luz! Agora vejo-a!

Era evidente que o infeliz via alguma coisa, comquanto não distinguisse os objectos. Percebia apenas a differença entre a claridade e a sombra, isto é, recuperava a consciencia da luz. Foram experimentados em seguida diversos tubos e diversas forças de fluido, obtendo-se os melhores resultados com as lampadas incandescentes communs.

Então Edison proferiu as seguintes palavras, que hão-de levar a consolação e a esperanza a milhares de desgraçados.

—Hei de fazer com que os cegos vejam. Pelo menos os que tenham ainda intacto o nervo optico. Para isso necessario, quando muito, trabalhar mais tres annos. Vou desde já preparar raios X especiaes, que estou certo hão-de corresponder ao fim desejado. Não pretendo que os cegos cheguem a poder ver, mas quero que possam conhecer as pessoas e coisas. Tenho que emprender minuciosas e consêcutivas investigações, mas não duvido de que obterei maravilhosos resultados. Tenciono preparar um tubo especial, cujo exito será seguro e decisivo.

E' dirigindo-se aos pacientes, acrescentou:

—Comprehendo como deve ser horrivel ser-se cego. Heide, porem, encontrar o remedio para a vossa cura.

Um jornalista norte-americano teve com Edison uma interview. O famoso sabio confessou que, mais que ninguem, estava assombrado com os resultados obtidos. A idéa de fazer as experiencias a que acima nos referimos, foi-lhe suggerida pelo seguinte curioso episodio succedido na semana anterior.

Depois de ter estado a estudar durante muito tempo no seu gabinete, os raios X, começou a sentir picadas nos olhos e estremecimentos nas palpebras. Insensivelmente, levou as mãos aos olhos, quando, de repente, notou com as suas mãos, que os ossos dos seus dedos se tornavam visiveis, sem a intervenção de nenhuma corrente directa dos raios X. Collocou então as duas mãos, uma sobre a outra, em frente dos olhos, e pôde ver, com elles fechados, os ossos de ambas as mãos. Isto seggeriu-lhe a idea de que talvez os cegos podessem ver, razão por que mandou vir dois d'elles ao seu gabinete, realisando as experiencias cujos resultados acabamos de narrar.

Interrogado sobre a opinião que formava ácerca do futuro da sua descoberta, Edison respondeu:

Não é possivel calcular a seu alcance. Os tubos que estou usando não são proprios para esta especie de trabalhos. Creio que outros tubos largos e redondos introduzidos n'um liquido cuja temperatura seja inferior a zero, darão melhores resultados. Dentro de uma semana ou duas espero poder dispôr dosapparelhos que necessito para continuar as minhas experiencias. Não creio chegar a desenvolver nos cegos a vista por uma forma tão efficaç, que o prodigio seja completo. Estou certo, porem, de lhes poder proporcionar um allivio muito notável na sua doença. Talvez até possa fazer com que elles cheguem a ler, empregando para isso taboas escriptas com letras illuminadas pelos raios X.

E concluiu dizendo:

—Mais não poderei fazer.

(Da União).

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que o sr. BORGES OURIVES insere na secção competente.

## Como elas são!

Os leitores devem recordar-se que, quando os progressistas estavam na opposição, fizeram uma bulha medonha, chegando mesmo a fazerem um abaixo assignado, pedindo aos regeneradores o arruinado convento de Santa Catharina para o demolirem para utilidade publica.

Pois hoje que estão no poder, nem já se lembram d'aquelle casarão que, demolido, dava uma boa praça, arborizada.

Vamos senhores! Façam alguma coisa em proveito d'esta terra, que se não foi vossa mãe quem subpennou os pedregulhos e repartir com vós os atagós carinhosos da fortuna.

## Festejos a N. Sr.<sup>a</sup> da Saude

Promettem ser deslumbrantes os festejos que se projectam fazer n'esta cidade, a N. Sr.<sup>a</sup> da Saude, nos dias 1, 2 e 3 do proximo mez de Agosto.

A illuminação é de seis mil lumes. O material vem de Braga e os trabalhos são dirigidos, segundo nos consta, pelo sr. Luiz Lopes Horta, que obsequiosamente se offereceu para tal fim.

## Fallecimentos

Falleceu na terça feira, victima da variola seguida de typho, Guilhermina Rosa Ramos, de 27 annos d'idade, sobrinha muito estremecida do nosso amigo Antonio Manoel Machado.

A sua familia endereçamos os nossos sentidos pesames.

Tambem falleceu no dia 15 o bem conhecido Alfayate, Francisco Marques, victima da terrivel moléstia que ha annos o affligia.

A seu mano que tanto lhe queeria, acompanhamos na sua pungente dor.

## EXPEDIENTE

A "Rabeca" recebe as assinaturas para a 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> serie.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

O almanack da "Rabeca" para 1898, illustrado e impresso a duas côres.

Os cavalheiros que nos honrarem com a sua assinatura, receberão um exemplar.



## CONTRA VONTADE

Eu não queria occupar-me mais das causas e efeitos que fizeram do Papagaio um cadáver, mas como é elle quem me chama, d'alemtida, resolvo-me a dirigir-lhe estas curtas phrases lá para o sepulchro, d'onde não mais se levantará com vida.

E quando o affirmo, alguns dos tenho para isso, os quaes não convem agora aqui nomear, pois sempre detestei as questões de pouca importancia, como a que o moribundo jornal tentou commigo, a quem não devia offender, o que me satisfaria mais que um merecido agradecimento.

Disse elle, (quando, feito phantasma veio a este mundo) que o sr. dr. O Parodia Pythagoras fez esforços inauditos mas negativos para o levantar do leito da agonia e que não lhe soube applicar cataplasmas de notas do banco!

Abstenho-me de tornar AFFIRMATIVOS, com provas, os laes negativos esforços, porque muita gente sabe, que prolonguei a vida do jornal, contribuindo com os meus trabalhos e força de vontade, assim como cheguei a applicar-lhe uma pequena cataplasma que pouco depois retirei, pois vi que o doente era ingrato e irracional para os seusolicitos enfermeiros.

Agora um conselho d'amigo, senhor Margues:

Visto que já não precisa do sr. dr. O Parodia Pythagoras para lhe tratar de seu moribundo, não queira que elle tenha sobre a sua cabeça, um nome tão grande e pezado como é o meu, pois pode affligil-o ainda mesmo no limbo.

Sem mais massada sou

Seu att. ven. t.  
O Parodia Pythagoras, antalho do Bolido, Bolido, Bolido, Bolido, Plinio Gil Lacerda Linguareiro Junior, por appellido, Tito de Myrtila, por alcunha, Viriato o Pastor, ex-secretario do seu jornal, com muitos mais titulos, conferidos pela Magestade Papagaial, quando a tratei na grave enfermidade a que succumbiu, dos quaes me esqueci já por ter memoria de Gallo.

Recados ao Missador e o amigo metta-se em copas.

O Parodia

## Graças ás cabaças...

Até que finalmente, começaram as lavagens das regadeiras em algumas ruas da cidade.

Já era tempo.

A luz, é o symbolo da vida e da morte.

## RINDO...

—Compadre. Tens ahí cinco mil réis?

—Aqui, não tenho.

—E lá em casa?

—Lá em casa... está tudo bom.

Muito obrigado.

## AO TELEPHONE

—Tlim, tlim.  
—Tlim, tlim, tlim.  
—Cá estou eu.

—Você parece estar surdo?  
—Nada d'isso. Falta de vista já tenho. Já não posso escrever sem oculos. Mas surdo é que não estou felizmente. Se não vim á primeira chamada, foi por que estava escrevendo uma noticia-sinha para o jornal.

—Alguuma cousa boa?

—Não é má.

—Pode saber-se?

—Pode. Você já viu duas formigas arrastarem um peso superior a 10 kilos?

—Nunca vi, nem poder ser.

Explique-se.

—Vi hoje duas piléas d'aquellas que costumam morrer nas praças de touros, hespanholas, arrastarem uma propriedade.

—Você torna-se massador. Desembuche lá essa cousa.

—Vi hoje o carro, aquelle grande armezem, que condoz a carne para os talhos, puchado por duas mullas, tão fracas, que, durante o trajecto do matadouro á praça de Sertorio, gastaram duas horas e cahiram mais de 30 vezes.

—Pobres animaes!

—O mais engraçado era que, para as levantarem davam-lhe comida d'unso á farta.

—Por ser mais barata do que a cevada, já sei ver?

—Bem claro. Se fosse em Lisboa, a Sociedade Protectora dos Animaes, já tinha reformado aquellas desgraçadas mullas attendendo aos muitos serviços que teem prestado á humanidade e com especialidade ao dono.

—Desculpe-me. Chamam-me d'outro lado.

—Tlim, tlim, tlim.

—Cá estou.

—És tu Ventura?

—Tudo o leirinho. E tu, quem és?

—Sou o José dos escandalos.

—Ha muito tempo que não appareces por cá! Ha alguma novidade?

—E não é pequena.

—Vamos a ouvir.

—Um dia d'estes, fui apresentado em certa casa onde está uma pequena que foi expulsa da Casa Pia ha alguns mezes sem saber por quê.

—Diz isso depressa, por que estou desejoso de saber o fim.

—A rapariga agora encontra-se no seu estado interessante.

—Isso é natural. Até ahí não vejo nada de escandalo.

—Pois sim. Mas tu não sabes

o resto. Escuta, por que, quem bem esota melhor conta. A rapariga não tem namorados. A sabida percipidade d'aquella estabelecimento Pio e outras cousas mais que não posso confiar ao telephone, leva-me a crer que a cousa já lá vem de traz, como se costumava dizer.

—Lá n'isso tens razão. A familia não procederá?

—A familia é pobre e por isso talvez tenha que se aguentar com a bucha.

—Talvez tapem o escandalo com massa.

O Zé desculpa. Estão-me chamando d'outro lado.

—Tlim, tlim, tlim.

—Arral com tanto tocar. Emquanto se dorme não se está acordado. Não posso fallar com dois ao mesmo tempo. Diga o que quer.

—Se está zangado, não lhe conto nada. Bem vê que eu não tenho interesse nenhum com isto. E' apenas para obsequial-o.

—Desculpe amigo. Tem razão. Isto hoje tem sido um trabalho medonho. Quando uma noticia me está interessando, ouço logo o maldito: Tlim, tlim. Volto-me para o outro lado e quando estou no melhor do meu gosto: Tlim, tlim. Orá já vê que isto aborrece. Mas diga lá. O que deseja?

—O Ventura já viu o desca-ramento com que os regatões fazem compras em pleno mercado e antes da hora que as posturas municipaes marcam para tal fim?

—Já vi um regatão, comprar uma galinha e vendel-a em seguida por mais cem réis.

—Então para que servem os zeladores?

—Os zeladores, fizeram em tempo a sua obrigação, mas como viam que as multas eram perdoadas, deixaram se d'isso. Fizeram elles muito bem.

—Estámas então peor que na mais reles aldeia?

—Muito peor!

—Que Deus se compadeça de nós!

—Amem.

Venturinha.

## ANNUNCIOS

## Aos amantes dos bons petiscos

Hoje, na barraca do Viriato, no Rocio de S. Braz, encontram-se, á venda petiscos de novidade e bons vinhos, por preços convidativos.

Especialidade em perninhas de rãs de tomata.

## ENGENHO PARA NOVA

Vende-se na Quinta do Corregedor.

## MODISTA

Offerece o seu atelier e participa a sua morada ás suas freguezas. Rua da Moeda, 75. Preços baratissimos.—Evora.

## BORGES

## OURIVES

(ANTIGA CASA LEAL, OURIVES)

Rua da Sellaria, 21

EVORA

N'esta officina acceta-se qualquer obra para consertar ou fazer de novo, em ouro, prata, plaquet, christofle, zinco, relógios, leques, boquilhas, etc.

Trabalha-se em azulejo e coral, oxida-se prata e aço.

Doura-se e pratea-se.

Compra-se ouro, prata e pedras preciosas.

Pagam-se por bom preço.

## Leite de Cabras

## TODAS AS NOUTES

Acabado de ordenhar, a 50 réis o litro.

Rua da Porta Nova, 10.

## CASAS

Arrenda-se uma com frente para a Praça de Geraldo.

Lojas na rua da Sellaria n.º 15, 23 e 25.

Trata-se na Praça de Geraldo, 40 e 44.

## ESTRELLA D'EVORA

O proprietario d'esta nova casa de vinhos e petiscos, participa a todos os seus amigos e freguezes, que tem os bons vinhos do Redondo e diversos.

Encarrega-se de almoços e jantares.

Rua do Mau Fôro, 21

# GUERRA MORTAL

CANDIDO FERNANDES PASSOS

## BARATEIRO

*Proprietario do mais importante estabelecimento de fazendas em Evora*

Continua fazendo mortal guerra com os preços de todas as fazendas de lã e algodão, e tudo mais que diga respeito ao artigo.

As suas compras são feitas em grande escala, por isso tem um sortido tão grande que a todos causa admiração.

Os seus preços estão ao alcance de todos.

## RICOS, POBRES E REMEDIADOS

Como as suas compras são sempre pagas á vista, por isso pode vender mais barato do que os mais.

Não quer combinação de preços com os seus collegas; quer ser independente como o tem sido até hoje; vender sempre mais barato do que todos elles.

*Emquanto esta casa conservar as suas portas abertas ao povo, não deixará de existir a mortal guerra com a baixezza dos preços das fazendas.*

O sortido d'esta casa é sempre descommunal, e augmenta de dia para dia, devido á grande freguezia que tem.

Esta casa vende em melhores condições do que muitas casas de Lisboa, por isso está vendendo fazendas para todas as terras do Alentejo, faz grandes descontos aos revendedores.

Ninguem compre sem primeiro ir ao

## Barateiro

Rua Aacha, ao fim do ultimo arco proximo dos latoeiros.

*A diviza d'esta casa é ganhar pouco para vender muito !!!*

## OFFICINA DO PINTOR VENTURA

16—PRAÇA DE D. PEDRO—16

ao pé do Theatro Garcia de Rezende

Trabalhos bem acabados, com solidez e economia.

Pinta e doura letras em todos os generos.

Finge madeiras e pedras.

Forra casas a papel.

Pinta moveis de ferro e zinco.

Encarrega-se de qualquer trabalho concernente á sua arte, em Evora ou em qualquer ponto do paiz.

## La Mode Nationale

O melhor e mais barato jornal de figurinos, para senhoras e ateliers de modistas; trazendo sempre um molde gratuito a titulo de brinde.

### ASSIGNATURAS

Por 3 6 12 mezes

800 12500 22800 réis

Numero avulso 80 réis.

A' venda na papelaria e tabacaria Berlim.

Rua João de Deus—Evora.

## BIBLIOTHECA AMOROSA

E' uma nova collecção de contos engraçados, estylo realista, suave, transparente, sem vocabulos pornographicos. Cada volume, que consta de 32 a 64 paginas, impressas em bom papel assetinado e ornado com 5 bonitas gravuras, custa apenas 60 réis. Cada serie de 10 contos ou sejam 330 paginas e 54 gravuras, 600 réis.

### VOLUMES PUBLICADOS

O sapatinho vermelho, Os prazeres de Luizinha, Delirios de prazer, Bem aventurados os mansos, A flôr das creadinhas, A alcova nupcial, Remedio para tristezas, Como se enganam os homens, Diaburas do priminho, Uma familia de carneiros, Por diante e por de traz, Recreios conventuaes.

### VOLUMES A PUBLICAR

No templo de Cythéra, Bachanaes romanas, A mulher do camiseiro, A moral dos collegios, A costureira, A Maria das Tirocas.

Vende-se nas principaes livrarias de Lisboa e Porto, provincias, ilhas, Africa e Brazil, devendos os pedidos ser dirigidos á

Livraria Editora

DE

Francisco Silva

89—Rua de Santo Antão—01

LISBOA

## FABRICA DE LADRILHOS EM MOSAICO

DE

Francisco Damaso da Fonseca Varella

Grande variedade de desenhos em todas as cores. Preços mais baratos do que nas fabricas de Lisboa.

Rua das Alcaçarias n.º 1

## EVORA

Minerva Eborensis de J. J. Baptista.—Praça de D. Pedro, 15—Evora.

Anno I

N.º 26

## A RABECA

Folha semanal, litteraria e independente

EDITOR E PROPRIETARIO, MANUEL VICENTE VENTURA

Redacção e administração, Praça de D. Pedro, 16

Ex.<sup>mo</sup> Sr.